

DE DESCARTES A NEWTON: PARA UMA HISTORIA DO PENSAMENTO  
CHOMSKIANO<sup>1</sup>

FÁBIO LUIZ LOPES DA SILVA  
(UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC)

*Resumo: Em 1968, Chomsky examinou um clássico tema da história do conhecimento ocidental: a substituição da mecânica cartesiana pela física newtoniana. Vinte anos depois, ele retornou ao mesmo tópico, conferindo-lhe, entretanto, uma interpretação um tanto modificada. Neste artigo, procuraremos mostrar que essa reanálise denuncia um novo arranjo entre materialismo e mentalismo no âmbito da teoria chomskiana da linguagem.*

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, tematizaremos certas inflexões sutis mas importantes na obra lingüística de Noam Chomsky. Para tanto, dois ensaios do autor vão ser aqui privilegiados: de um lado, evocaremos o primeiro capítulo de *Language and Mind*; de outro, vamos trazer à discussão a quinta conferência de *Language and Problems of Knowledge*.

Vinte anos separam a publicação desses títulos. Contudo, é preciso desde logo sublinhar que o critério cronológico não é a principal razão de a nossa escolha recair sobre os textos mencionados. Na verdade, o que realmente está em jogo diz respeito ao fato de que, nos dois casos, o argumento chomskiano remete a um *mesmo exemplo histórico*, a saber, a substituição da mecânica cartesiana pelo modelo newtoniano.

Em ambos os textos, essa referência histórica tem um papel preciso: trata-se de legitimar as opções epistemológicas da pesquisa gerativista .

---

<sup>1</sup> Agradeço aos meus alunos de pós-graduação da UFSC no semestre 99/2. Foram eles que emprestaram seus ouvidos para que eu pudesse desenvolver as idéias contidas neste artigo.

Mesmo exemplo, mesma função argumentativa — mas o que dizer dos termos com que Chomsky a cada vez reconta a história das relações intelectuais entre Descartes e Newton? Ora, veremos que, de uma narrativa à seguinte, o foco dessa história se desloca bastante. No limite, diríamos que Descartes acaba por perder algo da relevância que Chomsky inicialmente lhe atribui; em compensação, Newton passa de personagem secundário a protagonista. Ora, esperamos que nosso estudo comparativo seja ainda capaz de esclarecer que, sob esses nomes tão ilustres, o que se desenha é o modo como mentalismo e materialismo se cruzam, se revezam e convivem no percurso intelectual de Chomsky.

Para realizar tais objetivos, dividimos este artigo em dois grandes segmentos. No primeiro deles, procuraremos rapidamente recensear o *Language and Mind*: depois de um ligeiro comentário acerca do contexto histórico e dos conteúdos do livro, passaremos a lidar especificamente com a referência chomskiana à história do conhecimento no século XVII. Na segunda parte do trabalho, faremos o mesmo exercício com o *Language and Problems of Knowledge*. Ao mesmo tempo, procuraremos justamente ressaltar o que mudou: (a) na maneira como Chomsky analisa os grandes acontecimentos epistemológicos do século XVII; e (b) na maneira como o lingüista americano vincula gerativismo a esses grandes acontecimentos epistemológicos.

## 2. UM OLHAR SOBRE O *LANGUAGE AND MIND*

*Language and Mind* foi lançado em 1968. Trata-se, como se sabe, da transcrição revisada de uma série de conferências proferidas no ano anterior em Berkeley.

Fins dos anos sessenta: época de consolidação do gerativismo; época, portanto, ainda marcada por um combate acirrado pela hegemonia na lingüística e na psicologia americanas. Ora, esse traço belicioso do período deixa-se ver já nas primeiras linhas do livro em questão:

*Evidentemente qualquer pessoa racional favorecerá a análise rigorosa e a experiência cuidadosa; mas penso que, em grau considerável, “as ciências do comportamento” estão simplesmente arremedando os aspectos superficiais das ciências naturais; grande parte do seu caráter científico foi realizado graças à restrição do assunto e à concentração preferencial em questões periféricas. [...] Além disso, houve uma natural mas infeliz tendência a “extrapolar” da minguada quantidade de conhecimento obtido mediante cuidadoso trabalho experimental e rigoroso processamento de dados, para questões de muito mais ampla significação e grande interesse social.<sup>2</sup>*

O inimigo imediato está claramente identificado: é o behaviorismo, cujos nexos com o estruturalismo americano eram alegremente valorizados desde o clássico handbook escrito por Bloomfield em 1933.

Chomsky reconhece dois momentos na história dessa relação da lingüística americana com as ciências do comportamento: o primeiro, que ocupa sobretudo a década de quarenta, compreende o que poderíamos chamar de uma autêntica lua-de-mel: fase de euforia, cuja intensidade só fazia crescer à medida que as novas tecnologia se acumulavam:

*Os computadores estavam no horizonte, e a iminência de se vir dispor deles reforçava a crença de que bastaria obter uma compreensão teórica dos fenômenos mais simples e superficialmente evidentes, e o resto se revelaria meramente ser “mais do mesmo”, uma complexidade aparente que seria desemanhada pelas maravilhas eletrônicas. O espectrógrafo de sons, criado durante a guerra, ofereceu uma promessa semelhante para a análise física dos sons da fala.<sup>3</sup>*

Havia, é claro, quem se dispusesse a pôr limites nessas ambições demasiadas. Mas a estes era imediatamente reservada aquela espécie de

---

<sup>2</sup> Chomsky 1971, p.6.

<sup>3</sup> Id. Ibid., p. 14

surdez que, anos mais tarde, Chomsky vai enquadrar sob o título de Problema de Orwell:<sup>4</sup>

*Por exemplo, Karl Lashley fez uma brilhante crítica da estrutura das idéias que prevalecia em 1948, sustentando que subjacente ao uso da linguagem — e a todo comportamento organizado — deve haver mecanismos abstratos que não são analisáveis em termos de associação e que não poderiam ser criados por qualquer desses meios tão simples. Porém seus argumentos e propostas, embora sólidos e compreensíveis, não tiveram absolutamente efeito sobre o desenvolvimento do assunto e passaram despercebidos mesmo em sua própria universidade (Harvard).<sup>5</sup>*

Em meados da década de cinqüenta, começamos a assistir, entretanto, ao recuo progressivo da confiança depositada no futuro das ciências do comportamento: é a fase do declínio, em que passam a recrudescer “o ceticismo com relação às ortodoxias [behavioristas] e a consciência das tentações e perigos de uma [nova e] prematura ortodoxia”.<sup>6</sup>

Diante de um contexto assim recortado, *Language and Mind* propunha-se a responder a uma tripla demanda: de um lado, tratava-se de apresentar os resultados que até então constituíam a face propositiva da crítica ao behaviorismo; de outro lado, tratava-se de projetar e avaliar as perspectivas futuras deste novo campo; antes de tudo isso, era preciso, porém, mostrar que o gerativismo resgatava e atualizava uma velha e esquecida tradição de estudos sobre a linguagem. Ora, é precisamente essa remessa de Chomsky ao passado o que vai de fato nos interessar na primeira parte deste artigo.

---

<sup>4</sup> Sobre o Problema de Orwell, cf. por exemplo, Chomsky (1986, p.xxv): „For many years I have been intrigued by two problems concerning human knowledge. The first is the problem of explaining how we can know so much, given that we have such limited evidence. The second is the problem of explaining how we can know so little, given that we have so much evidence. The first problem we might call Plato’s problem, the second, Orwell’s Problem, an analogue in the domain of social and political life of what might be called Freud’s Problem

<sup>5</sup> Chomsky 1971, p. 13.

<sup>6</sup> Id. *Ibid.m.*, p.12.

## 2.1 A BIBLIOTECA DOS CARTESIANOS ESQUECIDOS

Certa vez, Michel Foucault disse de si mesmo que fazia parte da “terna a calorosa maçonaria da erudição inútil”<sup>7</sup> Não sem ironia, o filósofo francês referia-se assim ao seu gosto por textos antigos, muitas vezes escritos por autores considerados periféricos. Por seu turno, Chomsky também vai demonstrar inclinação especial por trabalhos que, para os outros, bem poderiam “ser entregues aos antiquários”.<sup>8</sup> Eis por que, no texto de 1968, vemos desfilar, por exemplo, insólitas menções a La Forge, Cordemoy ou o Cardeal Melchior de Polignac, “cartesianos menores, e [...] de todo esquecidos”<sup>9</sup>; a Juan Huarte, um insuspeitado médico espanhol do século XVII; aos gramáticos de Port-Royal, a quem Chomsky, contrariando todas as interpretações correntes, atribui hipóteses explicativas absolutamente inovadoras “referentes à natureza da linguagem e, em última instância, à natureza do pensamento humano”.<sup>10</sup>

Ora, este estranho inventário de títulos e nomes é, sem dúvida, uma provocação aberta àqueles que imaginavam ter realizado “a transição da ‘especulação’ para a ‘ciência’”<sup>11</sup>. Chomsky esfrega-lhes na cara um Huarte ou um Cordemoy, e é como se dissesse: “Pois bem: os senhores, que se julgam tão sábios, não percebem o que essa gente obscura e infinitamente menos aparelhada pôde reconhecer há três ou quatro séculos...”

Provocação, sim, como de resto o é a própria pergunta geral do livro, posta em uma atmosfera científica ainda saturada pelo mecanicismo orgulhosamente anti-conjectural: “que contribuição o estudo da linguagem pode prestar à nossa compreensão da natureza humana?”<sup>12</sup>

Contudo, é bom que se acrescente: a resposta a essa interrogação não está historicamente indexada apenas aos autores periféricos dos séculos passados. Na verdade, tampouco faltam ao *Language and Mind* referências a pensadores absolutamente consagrados, como Descartes.

---

<sup>7</sup> Foucault 1984, p. 168.

<sup>8</sup> Id. Ibid., p. 5.

<sup>9</sup> Id. Ibid., p. 17.

<sup>10</sup> Id. Ibid., p. 29

<sup>11</sup> Id. Ibid., p.5

<sup>12</sup> Id. Ibid., p. 11.

A bem dizer, Descartes constitui o centro da constelação bibliográfica convocada por Chomsky. É enfim a sua presença que recobre de importância os nomes dos demais, seja porque apareçam como precursores, seja porque apareçam como continuadores da obra do célebre autor do *cogito*.<sup>13</sup>

## 2.2 LINGÜÍSTICA CARTESIANA

Nas *Meditações*, Descartes transforma o ceticismo de Montaigne em dúvida metódica:<sup>14</sup> não é o caso, para ele, de colocar abaixo toda possibilidade de distinguir opinião e conhecimento verdadeiro; antes, a sua tarefa está em firmar as bases para uma ciência segura, trabalho que exige a inutilização prévia de todo saber sobre o qual a mais ínfima suspeita pudesse recair.<sup>15</sup> Desse exercício emerge a certeza acerca do cogito — certeza acerca de que, como “coisa que pensa”, ego existe.<sup>16</sup>

Estabelecida a verdade fundadora do *cogito*, segue-se muito naturalmente a busca de critérios capazes de confirmar, para além do *ego*, a existência de “outras mentes”. Ora, Descartes vai dispensar precisamente à linguagem humana um papel importante nessa demonstração. E três são as razões que, na interpretação de Chomsky, justificam um tal privilégio:

---

<sup>13</sup> Como se vê, malgrado certas semelhanças superficiais, Chomsky não é Foucault. Os detalhes dessa divergência podem ser, aliás, encontrados no famoso diálogo que reuniu os dois grandes intelectuais. Cf. ‘Noam Chomsky y Michel Foucault: La naturaleza humana: justicia contra poder’ (Elders).

<sup>14</sup> Cf. Garcia-Roza 1988, Introdução

<sup>15</sup> Esta inutilização podia ser em muitos casos provisória. O importante é que, para valer como conhecimento, um determinado enunciado devia encontrar seu lugar em um edifício cuja base Descartes procurava identificar.

<sup>16</sup> O argumento de Descartes é muito bonito, e talvez valha a pena recordá-lo aqui em seus aspectos essenciais. O primeiro passo do filósofo consiste em suspender todas as certezas à luz da seguinte especulação: e se todos os meus atos, experiências e pensamentos forem na realidade uma sucessão de enganos e ilusões provocados por um *malin genie*? Ainda assim, esse Deus Mau não poderia me ludibriar quanto a um ponto: eu existo. Sou enquanto penso, i.e., enquanto posso estar sendo enganado: “Hay cierto impostor muy poderoso y astuto que emplea su industria em engañarme; logo si me engaña no hay duda de que existo: engañame cuanto quiera, que nunca há de lograr que yo no sea nada, mientras yo piense que soy algo.” (Descartes 1945, p.88)

em primeiro lugar, o filósofo francês sublinharia o caráter inovador da linguagem, o que para o lingüísta americano, constitui “um truísmo, mas um truísmo importante, [...] não infreqüentemente negado no período comportamentista” (ou, na melhor das hipóteses, subestimado, como se os ineditismo lingüísticos não passassem de uma questão de analogia).<sup>17</sup> Em segundo lugar, Descartes destacaria a observação de que a linguagem é, em uma terminologia hodierna, livre do controle de estímulos perceptíveis. Por fim, ele consideraria a coerência do uso normal da linguagem e a sua adequação às situações em que é mobilizado. Ora, as três características distinguiriam qualitativamente o homem de tudo o que possa existir no mundo animal ou no universo dos autômatos.

Segundo Chomsky, cartesianos como La Forge e Cordemoy merecem ser citados por conta da retomada que fizeram das considerações do mestre acerca da linguagem. Mas seria sobretudo nas gramáticas de Port-Royal que o século XVII testemunharia os mais ricos estudos racionalistas acerca da relação entre linguagem e pensamento.<sup>18</sup> Nesses remotos documentos habitualmente lidos como um capítulo menor na história da Gramática Tradicional, Chomsky encontra nada menos que uma teoria explicativa da linguagem, com destaque para aquilo que se anuncia como arquétipo de distinção entre estrutura profunda e superficial.

É claro que não se trata para Chomsky de fazer da lingüística moderna uma simples recuperação da via inaugurada por Descartes. Mas, para ele, um erro muito maior consistiria em desprezar “idéias e intuições que são relevantes, embora prematuras e vagas”.<sup>19</sup> Tais idéias e intuições ganhariam ainda maior destaque se se levasse em conta o fato de que, aos olhos de Chomsky, o clima intelectual dos anos sessenta se assemelhava sob muitos aspectos ao da Europa Ocidental do século XVII. Para dizer o mínimo, ambas as épocas revelariam “um interesse muito grande nas possibilidades e capacidades dos autômatos”.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> Chomsky 1971, p. 25. Para uma crítica ao conceito comportamentista de analogia, cf., por exemplo, Chomsky 1988, pp. 18-25.

<sup>18</sup> É preciso salientar que Chomsky não toma Descartes como única fonte decisiva dos trabalhos de Port-Royal.

<sup>19</sup> Chomsky 1971, p.33.

<sup>20</sup> Id. *Ibid.*, p. 17.

## 2.3 O LANGUAGE AND MIND E OS DESTINOS DA FÍSICA NO SÉCULO XVII

Chomsky obviamente se interroga sobre as razões do desaparecimento, nos séculos seguintes, da vertente cartesiana dos estudos sobre a linguagem. Conclui, como era de se esperar, que “o dobre de finados da gramática filosófica soou com os notáveis sucessos dos estudos comparados indo-europeus”.<sup>21</sup> Seja como for, a essa resposta, digamos, tópica acrescenta-se uma outra, de caráter bem mais geral, concernente ao *ethos* da ciência moderna depois da intervenção newtoniana:

*[...] o prestígio da nova física elevou-se tão alto que a psicologia especulativa do Iluminismo aceitou como certa a necessidade de trabalhar dentro da moldura newtoniana[...].*<sup>22</sup>

Mas o que ganharíamos ao querer transferir esse prestígio para o âmbito da psicologia? Tratar-se-ia, com este gesto, de expurgar a metafísica em nome da afirmação do espírito científico positivo? Ora, não é esta a posição de Chomsky:

*Penso ser correto dizer que o estudo das propriedades e da organização do pensamento foi prematuramente abandonado, em parte por motivos espúrios, e também indicar que há uma certa ironia na concepção comum de que este abandono foi causado pela expressão gradual de uma atitude “científica” mais geral.*<sup>23</sup>

Sem dúvida, o pensamento newtoniano é então, para Chomsky, um divisor de águas — mas sua importância para a psicologia não se deixaria medir pelas tentativas de enquadrar o estudo do pensamento no que ele chama de “moldura da nova física”. A questão é, antes, trabalhar “com

---

<sup>21</sup> Id. Ibid., p.36

<sup>22</sup> Id. Ibid., p. 20.

<sup>23</sup> Id. Ibid., pp. 20-21

<sup>24</sup> Id. Ibid., p. 20

base na analogia newtoniana, coisa muito diferente”.<sup>24</sup> De resto, uma vez respeitada essa analogia newtoniana, uma psicologia cartesiana “então, como agora, era inteiramente possível”.<sup>25</sup>

Pois bem: em que exatamente consistiria essa analogia newtoniana, capaz de, pelo menos em parte, legitimar a psicologia cartesiana? Por que vias, enfim, a física de Newton, longe de se opor às meditações cartesianas, faria sistema com elas?

Primeiramente, é preciso considerar que havia uma física cartesiana, para a qual os movimentos dos corpos se explicavam inteiramente pelo contato. Ora, é claro que a força gravitacional — força que, em todo caso, atua à distância — vem justamente desafiar esses princípios mecânicos então vigentes. Mas o fato é que a gravidade era, para o próprio Newton, perturbadora. No limite, a maçã caída da árvore confrontava o autor da nova física com uma força que lhe parecia perfeitamente mística. Forjado em uma cenário de crítica radical à escolástica,<sup>26</sup> o pensamento newtoniano não podia pacificar-se diante da constatação de que, para o bom-senso da época, a força gravitacional mais assemelhava-se a uma qualidade oculta aristotélica...<sup>27</sup>

Mudou Newton, renegando suas posições? Não — o que fim das contas, mudou foi o bom-senso dos que o sucederam, de tal modo que, apesar da melancólica autocrítica de seu proponente, a física newtoniana prosperou, alcançando resultados certamente extraordinários. De toda maneira, Chomsky pensa poder extrair uma moral muito segura de fábula epistemológica: reconhecida “a enorme disparidade no poder das teorias explicativas que foram criadas [por Newton e Descartes]”, resta admitir, entretanto, que “a insatisfação de Newton, Leibnitz e os cartesianos ortodoxos com a nova física são surpreendentemente semelhantes aos motivos pelos quais a psicologia racionalista dualista seria em breve rejeitada”.<sup>28</sup> Ora, por que negar ao cartesianismo o destino que a física newtoniana

---

<sup>25</sup> Id. *Ibid.*

<sup>26</sup> E sabemos o quanto essa crítica deve a Descartes.

<sup>27</sup> É preciso considerar que, segundo Chomsky (1991, p.144), “Until the late nineteenth century it was widely accepted that a true explanation must be framed in mechanical or quasi-mechanical terms.”

<sup>28</sup> Id. *Ibid.*, p.20

pôde ter? Por que, enfim, rejeitar a busca de uma psicologia científica, *análoga* à física newtoniana no sentido de que exploraria o seu objeto *mesmo que seus princípios ferissem a bom-senso, o temperamento empirista ou coisa que o valha?* Tais eram as perguntas que, em fins dos anos sessenta, Chomsky se fazia.

### 3. UM OLHAR SOBRE O *LANGUAGE AND PROBLEMS OF KNOWLEDGE*

Como dissemos desde o início, vinte anos não foram suficientes para que este exemplo histórico perdesse a importância no trabalho de Chomsky. Tanto isso é verdade que em 1988 o lingüista americano o retomará no último capítulo de *Language and Problems of Knowledge*, livro que resulta das famosas conferências de Manáguá, de 1986. Contudo, já prevenimos também que, se o exemplo se repete, não é tão seguro que o mesmo possa ser dito acerca da direção interpretativa que Chomsky lhe imprime.

Na realidade, muita coisa mudou no intervalo de tempo que separa as duas publicações consideradas. Para começar, o gerativismo já não tem no behaviorismo um adversário poderoso.<sup>29</sup> Pelo contrário: a essa altura, Chomsky é de longe o mais prestigiado lingüista do mundo, e a forma então vigente de suas idéias — a teoria dos princípios e parâmetros — encontra-se em plena primavera. Salvo por uma pequena modalização, é precisamente esta dominância o que se pode ler em primeira pessoa na própria abertura de *Language and Problems of Knowledge*:

*I will not try to give you an exposition of the current state of understanding of language; that would be far too large a task to undertake in the time available. Rather, I will try to present and clarify the kinds of questions with which this study — or at least a major trend within it — is concerned and to place them in a more general context.*<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Pelo menos, não no ambiente científico. Na verdade, se Chomsky continua dirigindo baterias contra a proposta comportamentista (na primeira conferência transcrita no livro de 1988, ele ainda encontra tempo, por exemplo, para uma firme crítica ao conceito de analogia utilizado pelos “inimigos”), a razão parece estar no fato de que o senso comum mantém-se apegado a uma psicologia baseada em condicionamentos e afins.

<sup>30</sup> Chomsky 1991, p.1.

As questões a que Chomsky se refere são quatro:

1. *What is the system of [linguistic] knowledge? What is in the mind/brain of the speaker of English or Spanish or Japanese?*
2. *How does this system of knowledge arise in the mind/brain?*
3. *How is this knowledge put to use in speech (or secondary systems as writing)?*
4. *What are the physical mechanisms that serve as the material basis for this system of knowledge and for the use of this knowledge?*<sup>31</sup>

Segundo o autor, trata-se nos três primeiros casos de temas clássicos, se bem que formulados com um vocabulário contemporâneo. Uma vez mais, Chomsky se representa, pois, como um renovador de tradições intelectuais que vêm de longe ...

A questão 1 coloca-o ainda em dívida com a gramática filosófica dos séculos XVII e século XVIII. A segunda mobiliza uma referência histórica não mencionada no *Language and Mind*: perguntar-se sobre a aquisição de linguagem é, para Chomsky, alinhar-se com aqueles que, como Platão, se interrogam sobre como é possível aos homens saber tanto se o universo de suas experiências é tão breve, limitado e pessoal.<sup>32</sup> Por sua vez, a terceira questão deve ser antes de mais nada dividida em duas outras: de uma lado, haveria que se abordar o tema da percepção e interpretação da fala; de outro, haveria que se falar no problema da produção da fala, tema que certamente é, para Chomsky, muito mais instigante. Ora a

---

<sup>31</sup> Id. *Ibid.*, p.3.

<sup>32</sup> Este é o problema de Platão, brevemente mencionado nota 4 deste artigo. A referência ao filósofo grego se deve ao fato de que, em seu *Mênomo*, intervém esta que seria “a primeira experiência psicológica de que se tem registro” (Chomsky 1991. p. 4): valendo-se só de perguntas, sem que nada fosse afirmado, Sócrates consegue fazer com que um escravo aprenda geometria. Explicação do pai da filosofia: na verdade, se tão poucos estímulos foram necessários ao aprendizado, a razão está em que, a rigor, o seu aluno não aprendeu nada. Ao professor coube apenas ativar a memória do escravo — memória adquirida em uma existência anterior, quando sua alma pôde presenciar as verdades que cada um de nós tentaria agora a duras penas recobrar.

produção da fala, cuja marca proeminente é seu aspecto criativo, reenvia o seu trabalho à obra daquele que, no *Language and Mind*, ocupava um lugar de honra: “We might call this latter problem Descartes’s problem.”<sup>33</sup>

Quanto à quarta questão, Chomsky a toma como relativamente nova. Relativamente nova, acrescentaríamos, no próprio campo do gerativismo, dado que, se ela não está de todo ausente no *Language and Mind*, lá é apresentada, entretanto, como um item cujo enfrentamento está desde logo adiado:<sup>34</sup>

*Só podemos deixar para o futuro a questão de saber como estas estruturas e processos abstratos [de aquisição, armazenamento e uso da linguagem] são realizados e explicados em termos concretos [...]*<sup>35</sup>

Não que, passados vinte anos, Chomsky estivesse agora em condições de apresentar resultados objetivos para a pergunta acerca dos mecanismos físicos da linguagem. Ele mesmo admite que pouco tem a dizer

---

<sup>33</sup> Id. *Ibid.*, p.5.

<sup>34</sup> De resto, ela é omitida até mesmo em *Knowledge of Language*, livro de 1986: “The study of generative grammar represented a significant shift of focus in the approach to problems of language. Put in the simplest terms, to be elaborated below, the focus shift was from behavior or the products of behavior to states of mind/brian that enters into behavior. If one chooses to focus attention on this latter topic, the central concern becomes knowledge of language: its nature, origins and use. The three basic questions that arise, then, are these: (i) What constitutes knowledge of language? (ii) How is knowledge of language acquired? (iii) how is knowledge of language put to use?” (p.3)

<sup>35</sup> Chomsky 1971, p. 27. No fim da mesma obra (p. 126), o autor retorna ao tema reforçando àquela altura a sua convicção de que o campo imediato de suas pesquisas não estava imediatamente referido à descoberta dos mecanismos físicos que servem de base para os processos e estruturas então descritos em uma terminologia mentalista: “Podemos, contudo, estar razoavelmente seguros de que haverá uma explicação física para os fenômenos em questão, se é que podem ser de todo explicados, por uma razão terminológica sem interesse, a saber, que o conceito de explicação física será sem dúvida estendido para incorporar tudo que for descoberto nesse domínio, exatamente como foi estendido para acomodar a força gravitacional e a eletromagnética, as partículas sem massa, e numerosas outras entidades e processos que teriam ofendido o bom senso de gerações antigas. Mas parece claro que este assunto não deve retardar ao estudo de temas que estão agora abertos à pesquisa, e parece fútil especular acerca de assuntos tão distantes da compreensão atual”

sobre a questão 4 “because little is known”.<sup>36</sup> De resto, rigorosamente falando, o problema aí colocado recai em um domínio exterior à lingüística. Trata-se, antes, de algo que concerne ao trabalho dos “brain scientists”.<sup>37</sup> Mas a verdade é que oferecer subsídios para os cientistas do cérebro parece ser doravante, em larga medida, a razão de ser da pesquisa gerativista: “[...] contemporary mentalism, so conceived, is a step toward assimilating psychology and linguistics to the physical sciences.”<sup>38</sup>

Ora, uma comparação proposta por Chomsky ajuda-nos a compreender o que significa exatamente essa reacomodação do gerativismo diante das outras ciências e, em particular, das ciências materiais. Para o autor, tudo se passa como se coubesse à lingüística repetir a atitude geral dos químicos do século XIX, que ousaram falar em coisas como valência ou moléculas sem saber se estas noções tinham ‘realidade física’ ou se eram apenas mitos convenientes à organização racional da experiência. Em todo caso, esse nível abstrato com que os químicos trabalhavam impunha aos físicos uma *direção* às suas pesquisas: cabia a estes últimos justamente descobrir “physical mechanisms that exhibit these properties”.<sup>39</sup> Pois bem: tal função orientativa em face das ciências materiais é o que afinal, tornaria o gerativismo análogo às abstrações propostas pelos químicos do passado:

*The study of mind/brain today can be usefully conceived in much the same terms. When we speak of the mind, we are speaking at some level of abstraction of yet-unknown physical mechanisms of the brain, much as those who spoke of the valence of oxygen or the benzene ring were speaking at some level of abstraction about physical mechanism, then unknown. Just as the discoveries of the chemists set the stage for further inquiry into underlying brain mechanisms, inquiry that must proceed blindly, without knowing what it is looking for, in the absence of such understanding, expressed at an abstract level.*<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> Id. 1991, p.8.

<sup>37</sup> Cf. Chomsky 1991, p. 8.

<sup>38</sup> Chomsky 1991, p. 8.

<sup>39</sup> Id. Ibid.

<sup>40</sup> Id. Ibid.

De horizonte longínquo, mencionado de passagem, a grande objetivo, capaz de justificar a existência do pensamento chomskiano: eis, em resumo, o destino da questão acerca dos mecanismos físicos da linguagem. Ora, poderíamos perguntar-nos a seguir sobre o lugar que a tradição cartesiana ocupa em face da redefinição do estatuto da chamada questão 4 no programa gerativista.

### 3.1 ESPECTROS DE DESCARTES

O nome de Descartes não demora a comparecer em *Language and Problems of Knowledge*. Na verdade, está já na segunda página da conferência de abertura, em uma menção cujo propósito é ilustrar o fato de que a moderna divisão entre filosofia e ciência não encontrava paralelo no século XVII:

*Descartes, for example, was one the leading scientists of his day. What we call his 'philosophical work' is not separable from his 'scientific work' but it is rather a component of it concerned with the conceptual foundations of science and other reaches of scientific speculation and (in his eyes) inference.*

No entanto, duas ou três linhas depois deste comentário, é a vez de Newton fazer sua aparição:<sup>41</sup> prenúncio de que Descartes terá que, no mínimo, dividir a cena com o físico inglês?

Uma página adiante, Chomsky vai ao século IV a.C. para, sob a autoridade de Platão, invocar o já mencionado tema da aquisição de lin-

---

<sup>41</sup> O trecho a que nos referimos como um segundo exemplo da inseparabilidade da ciência e da filosofia no século XVII. Vem nos seguintes termos: "David Hume, in his inquiries into human thought, considered his project to be akin to Newton's: He aimed to discover the elements of human nature and the principles that enters to and guide mental life. The term philosophy was used to include what we call science, so that physics was called natural philosophy and the term philosophical grammar meant scientific grammar." (Chomsky 191, p.2)

guagem pela criança.<sup>42</sup> E a reboque de Platão, vemos surgir em seguida os nomes de Leibnitz (que teria dado o passo fundamental ao considerar que, quanto à aquisição geral do conhecimento, as hipóteses do filósofo grego estão fundamentalmente corretas, desde que “purged from the myth of preexistence”<sup>43</sup>), Russell (que ofereceria a formulação moderna para o problema de Platão) e até David Hume (que, mesmo inscrito em uma tradição empirista, soubera reconhecer “those parts of knowledge that are derived ‘from the original hand of nature’ and are ‘a species of instinct’”<sup>44</sup>).

Sim, Descartes ainda ocupa um lugar de honra no panteão chomskiano — ele é como vimos, o primeiro clássico a ser citado nas conferências de Manáguas. Mas é preciso admitir que o brilho dessa aparição é rapidamente ofuscado pela enumeração de outros gigantes da tradição científico-filosófica ocidental. Como na famosa cena de Macbeth, Descartes assiste a um desfile de *ghosts* que faz estremecer a sua soberania.

Em todo caso, o filósofo francês voltará ao palco de *Language and Problems of Knowledge* em pelo menos três ocasiões: de um lado, ele será objeto de uma breve menção em que é arrolado como uma das influências principais da gramática filosófica, “particularly in the early period”;<sup>45</sup> de outro, será organicamente associado ao problema acerca do aspecto criativo da linguagem — problema que, como já pudemos verificar, leva inclusive o seu nome: Descartes’s problem; por fim, reaparecerá no elemento da reanálise da história da física do século XVII, a que aludimos desde o início deste artigo. Ora, atenhamo-nos doravante às duas últimas dessas referências.

### 3.2 O PROBLEMA DE DESCARTES

Abordado em rápidas pinceladas na primeira conferência de Manáguas, o problema de Descartes será longamente retomado em “The view beyond”, o quinto e último segmento do livro. Problema de Descartes é, na

---

<sup>42</sup> Uma vez mais, estamos diante do que Chomsky chama de problema de Platão.

<sup>43</sup> *Apud* Chomsky 1991, p.4

<sup>44</sup> Chomsky 1991, p. 4

<sup>45</sup> Chomsky 1991, p. 142

verdade, um nome relativamente novo para um antigo tópico da investigação chomskiana: como vimos, trata-se muito simplesmente da questão do aspecto criativo da linguagem, cuja presença no *Language and Mind* foi inclusive comentada neste artigo. Pois bem: qual o significado desta renomeação de um velho tópico?

Tentaremos mostrar que, de fato, a resposta parece concernir à relativização do papel de Descartes como precursor do gerativismo. Chamar, enfim, um tópico entre outros de problema de Descartes é já indicar que nem todas as questões fundamentais do gerativismo são cartesianas. De resto, nós mesmos havíamos previamente mencionado o Problema de Platão, que justamente ilustra a diversificação dos compromissos intelectuais de Chomsky com o cânone ocidental. Mais adiante voltaremos a falar dessa multiplicação de referências. Antes, porém, mais uma ou duas palavras acerca do *Descartes's Problem*.

Problema de Descartes: enigma cuja *formulação* seria, sim, devida ao filósofo francês — mas o mesmo não pode ser dito acerca da resposta que a obra cartesiana articula. Na perspectiva do *Language and Problems of Knowledge*, a explicação do filósofo francês para a criatividade humana arregimenta uma metafísica inteiramente insatisfatória:

*We need not to accept the Cartesian metaphysics, which required postulation of a second substance, a 'thinking substance' (res cogitans), undifferentiated, without components or interacting subparts, the seat of consciousness that account for the 'unity of consciousness' and the immortality of the soul.<sup>46</sup>*

Seja como for, o insucesso da resposta cartesiana está longe de poder manchar-lhe a biografia — a começar pelo fato de que, segundo o mesmo texto, o problema em questão provavelmente seja tal que sua

---

<sup>46</sup> Em *Language and Mind* (p.126), encontramos uma versão condensada deste comentário: “Não estamos obrigados, como estava Descartes, a postular uma segunda substância, quando tratamos de fenômenos que não são exprimíveis em termos de matéria e movimento, no sentido que lhe atribuía.”

solução esteja além das possibilidades intelectuais humanas:<sup>47</sup>

*One possible reason for the lack of success in solving it or even present sensible ideas about it is that it is not within the range of human intellectual capacities. It is either 'too difficult', given the nature of our capacities, or beyond the limits altogether. There is some reason to suspect that this may be so, though we do not know enough about intelligence or the properties of the problem to be sure. We are able to devise theories to deal with strict determinacy and with randomness. But these concepts do not seem appropriate to Descartes's problem.*<sup>48</sup>

Mas dizer que um problema é estruturalmente irrespondível não é para Chomsky, o mesmo que negar-lhe o direito à existência e nem mesmo a sua importância. Com efeito, o Problema de Descartes enfeixa temas que, a rigor, são ainda essenciais à *Weltanschauung* chomskiana. Pondo em cena a criatividade inscrita na natureza do homem comum, este assunto está, por isso mesmo, imediatamente vinculado ao livre-arbítrio e à liberdade em geral, categorias que em larga medida, justificam a continuação da ardente luta política travada por Chomsky paralelamente à sua obra

---

<sup>47</sup> Contudo, convenhamos: não deixa de haver uma certa ironia no fato de que o campeão do *Language and Mind* empreste agora o seu nome a um dilema cientificamente insolúvel.

<sup>48</sup> Chomsky 1991, pp.151-152. O linguista americano está mobilizando aqui a sua concepção modular da organização intelectual humana. Haveria, entre outros dispositivos, uma "science-form capacity", que, como as demais capacidades, exibiria característica (muitas vezes inatas) que abririam um campo de possibilidades ao mesmo tempo em que limitariam esse campo.

linguística.<sup>49</sup>

### 3.3 DE VOLTA À HISTÓRIA DA FÍSICA NO SÉCULO XVII

Certo, é verdade que Chomsky considera insustentável a hipótese da *res cogitans*. No entanto, esta avaliação não o impede de reconhecer que, considerada no sistema geral do pensamento cartesiano, o postulado da ‘coisa que pensa’ constituía àquela altura um gesto coerente. Segundo o texto de *Language and Problems of Knowledge*, a razão para tanto está em que, dispendo previamente de uma definição acabada de corpo

---

<sup>49</sup> Quanto ao tópico da liberdade humana, não resistimos a apontar uma curiosa incoerência presente no texto de *Language and Problems of Knowledge*. Na passagem em questão, Chomsky acaba de estabelecer uma distinção “quite accurrate” que remota ao pensamento cartesiano: “The difference between being compelled, and merely being incited or inclined”, esta última constituindo a condição propriamente humana. Vejamos, entretanto, os termos com que o texto prossegue: “To account for the facts about the world that surpass the possibility of mechanical explanation, it is necessary to find some extramechanical principle. This principle, the Cartesians argued, belongs to mind, a ‘second substance’ entirely separate from the body, which is subject to mechanical explanation. Descartes himself wrote a lengthy treatise in which he laid out the principles of the mechanical world. It was to include a final volume devoted to mind, but allegedly Descartes destroyed this part of his comprehensive work when he learned of the fate of Galileo before the Inquisition, which *compelled* him to renounce his beliefs about physical world.” (p. 140, grifo nosso). Quer dizer que, quando o assunto é salvaguardar a honra de seus heróis intelectuais, Chomsky deixa de lado as certezas acerca do livre-arbítrio como qualidade definidora do homem? Não se pode nem mesmo desculpar Chomsky por conta de que, no caso de Galileo, tratava-se de enfrentar a implacável Inquisição. Afinal, em outro ponto do livro, vemos Chomsky apontar da seguinte maneira o tema do livre-arbítrio: “If, for example, I were to take out a machine gun, point it menacingly at you, and command you to shout *Heil Hitler*, you might do it if you had reason to believe I was a homicidal maniac, but you would have a choice in the matter, even if this choice is not exercised. The situation is not unknown in the real world; under Nazi occupation, for example, many people – in some countries, the vast majority – became active or passive collaborators, but some resisted.” (p.6)

(lembramo-nos de sua mecânica baseada nos contatos<sup>50</sup>), Descartes não podia senão atribuir a uma ‘segunda substância’ tudo o que não se deixava explicar pelos princípios materiais por ele admitidos.

Ora, é justamente na esteira dessas observações que o livro de 1988 nos remete uma vez mais à história da Física no século XVII. E como sucedera vinte anos antes, tratar-se-ia ainda de relacionar o exemplo à psicologia cartesiana a propósito de concluir que esta última foi criticada e, no limite, desclassificada com argumentos que, pelo menos em parte, Newton dirigira às suas próprias descobertas? Tratar-se-ia, enfim, de reivindicar para o racionalismo de inspiração cartesiana um espaço epistemologicamente licenciado?<sup>51</sup>

Nada de defender o espaço do cartesianismo, nada de gastar munição com a censura ao gesto behaviorista de reduzir a mecânica newtoniana ao mecanismo mais tacanho. Na realidade, emerge em fins da década de oitenta uma nova apreensão das relações intelectuais entre Newton e Descartes. Tentemos descrevê-la a seguir:

a. Vimos mais uma vez que, duas décadas antes, Chomsky apoiava-se na autocrítica de Newton para legitimar o racionalismo cartesiano. Vimos ainda que, para isso, ele distinguia dois modos de fazer psicologia: de um lado, teríamos aquele que se abriga no interior da *moldura newtoniana* (e cuja forma contemporânea seria o behaviorismo); de outro, haveria que se falar em uma psicologia fundada na *analogia newtoniana* — o termo analogia referindo-se aí à tenacidade exemplar de Newton e dos newtonianos diante das objeções impostas pelo bom-senso vigente na épo-

---

<sup>50</sup> Cf. p. 6 deste artigo

<sup>51</sup> Recordemo-nos de uma passagem que já citamos parcialmente (cf. p. 6 deste artigo): “A força oculta da gravidade [verificada por Newton] foi aceita como elemento evidente do mundo físico, não exigindo explicação, e tornou-se inconcebível que se tivesse de postular princípios inteiramente novos de funcionamento e organização daquilo que logo se tornou o novo ‘bom-senso’. Parcialmente por esta razão, a procura de uma psicologia científica análoga, que exploraria os princípios do pensamento, quaisquer que fossem, não foi empreendida com a pertinácia que então como agora era inteiramente possível.” (Chomsky 1971, p. 20, grifo nosso)

ca. Ora, vinte anos depois, Newton não é mais destacado apenas por força de sua função mediadora na recuperação moderna da psicologia racionalista. Antes, *é pura e simplesmente o seu papel na história da filosofia materialista o que é saudado*. Para dizê-lo de outro modo: as homenagens de Chomsky a Newton deixam de se referir sobretudo à atitude do cientista, incidindo doravante sobre a substância mesma da descoberta newtoniana. Em particular, caberia ao gerativismo ser newtoniano no sentido de fazer trabalhar o gesto de remeter a noção de propriedade material ao domínio das “empirical hypotheses”, lá onde “The conclusions are tentative”. Depois de Newton, o mundo material seria, pois “whatever we discover it to be, with whatever proprieties it must be assumed to have for the purposes of a explanatory theory.”<sup>52</sup> Expandir, talvez para sempre, os limites da noção de corpo: aí estaria a grande herança inicialmente proporcionada pelo físico inglês, herança esta que, quanto aos aspectos lingüísticos dos organismos humanos, as teorias explanatórias chomskianas procurariam em última análise prolongar.

b. Nesta reanálise das relações históricas entre a tradição newtoniana e a tradição cartesiana, qual a posição que o filósofo francês passa a ocupar? Que lugar lhe é, enfim, possível em um quadro tal que o valor de Newton para o gerativismo pode ser apresentado sem qualquer remessa à psicologia racionalista? A resposta para estas perguntas põe-nos uma vez mais diante de um quadro muito diverso daquele traçado vinte anos antes. A bem dizer, o pensamento cartesiano surge agora como mero pano-de-fundo para a revolução newtoniana

*Whatever this [gravitational] force may be, it does not fall within the Cartesian framework of contact mechanics. [...] Without pursuing subsequent developments further, the general conclusion is that the Cartesian concept of body was found to be untenable.*<sup>53</sup>

---

<sup>52</sup> Chomsky 1991, p. 144.

<sup>53</sup> Id. Ibid, pp. 143-144. Para que o excerto seja completamente inteligível, é preciso ter em mente as questões que abordamos na seção 1.3 deste arquivo.

De resto, Chomsky tampouco tem pudores de, neste ponto de seu texto, distanciar-se ainda mais de Descartes. Dizemos isso porque o linguísta americano faz questão de observar imediatamente que o já mencionado estiolamento da *res cogitans* é a contraparte necessária dessa desclassificação do conceito cartesiano de corpo:

*The mind-body problem remains the subject of much controversy, debate, and speculation, and in this regard the problem is still very much alive. But the discussion seems to me incoherent in fundamental aspects. Unlike the Cartesians we have no definity concept of body. It is therefore quite unclear how we can even ask whether some phenomena lie beyond the range of the study of body, falling in the separate study of mind.*<sup>54</sup>

Ascensão de Newton, recuo do cartesianismo. Chomsky sente-se então perfeitamente à vontade para esclarecer que

*We can, and I think should, continue to use mentalistic terminology , as I have done throughout in discussing mental representations and operations that form and modify them in mental computation. But we do not see ourselves as investigating the properties of some 'second substance', some misterious way, perhaps throught divine intervention. Rather, we are studying the properties of the material world at a level*

---

<sup>54</sup> Chomsky 1991, p. 146. Na verdade, a crítica à *res cogitans* se reveste por vezes de um vocabulário bem menos condescendente: "The Cartesian conception of a second substance was abandoned in later years, but it is important to recognize that it was not the theory of mind that was refuted (one might argue that it [the cartesian concept of mind ] was hardly clear enough to be confirmed or refuted)." (Chomsky 1991, p. 143)

*of abstraction at which we believe, rightly or wrongly, that a genuine explanatory theory can be constructed [...].*<sup>55</sup>

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter deixado claro que, relativamente à interpretação da história do conhecimento nos Seiscentos, uma inversão se processou. Em 1988, é Newton e não mais Descartes quem aparece aos olhos de Chomsky como grande herói intelectual do chamado século de gênio. Mas nada disso quer dizer que, de um lado, Descartes tenha perdido toda a importância e, de outro, o gerativismo tenha sofrido uma inflexão cujo gradiente não seja de nenhum modo pressentido nos escritos anteriores de Chomsky. Pelo contrário: quanto ao primeiro ponto, pudemos verificar que, na referência à gramática filosófica e ao aspecto criativo da linguagem, a tradição

---

<sup>55</sup> Id. *Ibid.*, p. 145. Um outro tema capaz de revelar a diminuição do prestígio de Descartes consiste na concepção modular de mente defendida por Chomsky. Em 1988, a afirmação de Descartes de que a mente constitui “a universal instrument which can serve for all contingencies” é tomada por Chomsky como “one of the ancestors of the widely held belief that the human language faculty, and other cognitive systems, all fall within the bounds of ‘general learning mechanisms’ that are applicable to every intellectual tasks”. (p. 141) Duas décadas antes, em *Lingüística Cartesiana*, Descartes é valorizado por, pelo menos eventualmente, defender uma concepção oposta: „ Em resumen, pues, [ Descartes resalta que] el hombre tiene una capacidad específica, um tipo de organización intelectual que no puede atribuirse a órganos exteriores ni relacionarse con la inteligencia general [...]”. (p. 20) De resto, no mesmo livro, Chomsky refere-se também à hipótese cartesiana de que a mente “é instrumento universal que serve a todas as contingências”, mas o faz no corpo de um comentário no mínimo neutro e que, em todo caso, não se relaciona de nenhuma maneira com o tema da modularidade da mente: “Partiendo de la presunta imposibilidad de una explicación mecanicista para el aspecto creador del uso normal del lenguaje, concluye Descartes que, además del cuerpo, es preciso atribuir la mente, substancia cuya esencia es el pensamiento, a otros humanos. De los argumentos que ofrece para la asociación de la mente a cuerpos que ‘tienen parecido’ com el suyo, parece claro que la substancia postulada juega el papel de ‘principio creador’ junto com el ‘principio mecánico’ que explica la función corporal. De hecho, la razón humana ‘es um instrumento universal que puede servir a todas las contingências’, mientras que los órganos de um animal o máquina ‘precisam de alguna adaptación especial para cualquier acción particular’”. (p.21)

cartesiana continua a merecer destaque na configuração do chomskianismo; quanto ao segundo, vimos que, na verdade, Chomsky parecia já nos anos sessenta convicto de que as explicações físicas chegariam, muito embora àquela altura tudo não passasse de um sonho que de tão longínquo só servia para mover especulações fúteis. De resto, é preciso insistir que a crítica à metafísica cartesiana também esteve sempre presente no trabalho de Chomsky, como a indicar que a referência maciça ao mentalismo de fato fosse apenas um porto de passagem em um percurso histórico na direção do materialismo.

Na avaliação dos pesos de Descartes e de Newton na obra de Chomsky, tampouco podemos nos esquecer aqui de um outro elemento rapidamente arrolado no início deste artigo: certamente havia muito de provocação na referência chomskiana aos cartesianos. Trata-se, enfim, de um gesto retoricamente eficaz na tarefa de produzir ruídos na superfície muito lisa do consenso behaviorista. Gesto corajoso — mas cuja inteligibilidade exige que não negligenciemos nem por um instante a sua consistência tática no jogo político da instituição acadêmica americana. Que, entretanto, estas nossas considerações não sejam tomadas como um sinal de que, livre do inimigo behaviorista, Chomsky pôde finalmente deixar a retórica de lado e reconciliar-se com a pureza de seu projeto científico. Cremos, enfim, que não seja propriamente impossível demonstrar que, para falar à maneira de Nietzsche, a vontade chomskiana de saber é ainda uma vontade de poder. Mas por ora basta destas genealogias.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOOMFIELD, L. 1984. *Language*. Chicago: The Chicago University Press.
- CHOMSKY, N. 1969. *Lingüística Cartesiana*. Madrid: Gredos.
- . 1971. *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis: Vozes.
- . 1986. *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- . 1991. *Language and Problems of Knowledge. The Managua Lectures*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

- DESCARTES, R. 1945. *Obras Filosóficas*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo.
- ELDERS, F. 1981. *Filosofía y los problemas actuales*. Madrid: Fundamentos.
- FOUCAUT, M. 1984. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- GARCIA-ROZA, L. 1988. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.